



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**RELATIVISMO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE SUA APLICAÇÃO HOJE  
GT 12 - Sociología de la Cultura, Arte e Interculturalidad**

Ingrid Rodrigues Cirino

ingrid.rodriguesc@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Brasil

Caio Martiniano de Brito Baima

caim\_baima@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Brasil

Orientado por:

Rodrigo da Silva Ferreira

rod.ferreira31@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo induzir uma discussão que coloca em xeque a utilização exacerbada e cega do relativismo pelos pesquisadores, como isso coloca em risco sociedades e pessoas fora dos patamares dominantes. Justificamos escrever esse trabalho nos preocupando com a sociedade atual onde se nota uma deturpação do relativismo, onde se manifesta através de etnografias uma observação e compreensão das culturas alheias sem planejar formas de intervenções positivas ante as atrocidades ainda existentes. Apesar da grande importância que tem desde seu surgimento os métodos originais não devem ser mantidos imaculados, é extremamente necessário que se faça uma crítica e que ocorram mudanças para que o relativismo se torne mais crítico. Infelizmente pouco há discussão para que países dominantes não tenham que intervir nas outras culturas, o que permite uma manutenção e imposição da sua própria cultura. Há as vezes um processo de aculturação e em outras vezes um processo de manutenção dos costumes que continuam matando e exterminando as classes, castas ou qualquer estrutura social inferior aos dominantes de sua sociedade ou do próprio capitalismo. Compreenderemos a negação proposital proporcionada pelo mundo capitalista que sustenta os vícios culturais ou se utiliza deles. Usaremos como metodologia a pesquisa bibliográfica compreendendo desde a importância do surgimento de uma observação relativista até um momento em que a antropologia se encostou ao método deixando-o cego para as mudanças sociais e para as classes pobres, onde prevaleceria a história das classes dominantes, sejam elas homens, ricos, religiões etc. Argumentaremos como a observação estática do relativismo não impede, mas também não impulsiona reações das massas contra seus opressores. Nosso objetivo é fazer uma linha do tempo, pegando o nascimento do relativismo até os dias atuais, mostrando em qual ponto se parou de realizar avanços antropológicos, como os autores trabalharam com isso, além de como essa ideia é trabalhada em sala de aula e como isso continua afetando futuros antropólogos, que continuarão perpetuando a ideia de não poder intervir de nenhuma forma em sociedades. Como resultados do estudo traremos situações concretas onde a negligência de uma perspectiva crítica sustenta um modo de vida violento que dizima massas trabalhadoras todos os dias não só no modo de produção capitalista, mas em todas as sociedades não igualitárias que ainda existem mantidas pelo próprio sistema externo a elas. Dessa forma mostraremos formas que possibilitam compreender essas sociedades e gerar impulsos nas bases para que surjam mudanças reais e concretas. Concluiremos buscando comprovar nossa tese de que não só devemos tornar o relativismo em uma perspectiva antropológica mais crítica como devemos reavaliar nossos métodos de aplicação não apenas nos meios acadêmicos como artigos ou planos de aula, mas devemos difundir essa discussão para as discussões fora dos âmbitos formais da antropologia.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **ABSTRACT**

This present work has like goal induce one discussion that put in check the exaggerated and blind utilization of the relativism by researchers, how this is a matter of risk to the societies and people to the dominant levels. The problem with present-day society is justified by a disadvantage of relativism, where it manifests itself through an analysis and understanding of the cultures of others without planning forms of positive interventions towards as atrocities that still exist. Despite the great importance it has since its emergence of the original methods should not be kept immaculate, it is extremely necessary that criticism be made and that changes take place so that relativism becomes more critical. Unfortunately, there is little discussion to which dominant countries do not have to intervene in other cultures, which allows for maintenance and imposition of their own culture. There is a process of acculturation and in others, process of maintenance of customs that continue to kill and exterminate as classes, castes or any social structure inferior to the dominants of their society or capitalism itself. We understand a purposive denial provided by the capitalist world that sustains cultural vices or uses them. The use of methodology and bibliographical research comprising from an important one the emergence of a relativistic observation until a moment in which the anthropology was based on the method leaving it blind for the social changes and for poor classes, where would prevail the history of the dominant classes, are they men, rich people, religions, etc. We will argue, as a static observation of relativism do not prevent, but neither are impulsive reactions of the masses against their oppressors. Our goal is to make a timeline, taking the birth of relativism to the present day, showing where it has stopped making anthropological advances, how the authors work with it, and how this idea is worked in the classroom and how This continues to affect future anthropologists, who will continue to perpetuate an idea of not being able to intervene in any way in societies. As results of the study we will bring concrete situations where a negligence of a critical perspective sustain a violent way of life that kill working masses every day not only no capitalist mode of production but in all unmatched societies that still exist maintained by the external system itself one of them. In this way, it presents forms that make possible the societies and generate impulses in the bases for real and concrete retrospectives. We will conclude by seeking to prove our thesis that we should not only make relativism in a more critical anthropological perspective but also reevaluate our methods of application not only our academic means as articles or lesson plans, but we should diffuse this discussion to the modes of form of anthropology.

### **Palavras chave:**

Relativismo; Cultura; Antropologia

### **Keywords**

Relativism; Culture; Anthropology



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### I. Introdução

A preocupação com a estrutura de análise das etnografias contemporâneas surge da necessidade em dias atuais das classes mais oprimidas começarem a esboçar reações diante das atrocidades que ainda são cometidas. Inaceitável no século XXI mulheres ainda serem vendidas na Síria ou a homossexualidade ser crime em 73 países: *13 países preveem a pena de morte para atos sexuais consentidos entre pessoas adultas do mesmo sexo. Em quatro deles – Sudão, Arábia Saudita, Irã e Iêmen –, a pena é efetivamente aplicada pela Justiça no país todo*, segundo o g1. Facilmente encontramos artigos de sociólogos ou antropólogos que discutem o tema, muitos, inclusive, propõem soluções para as situações específicas, o que não conseguimos encontrar é o retorno da atividade elaborada no meio buscando construir a partir das bases as devidas mudanças.

Através disso recorreremos aos autores estudados na graduação brasileira em ciências sociais, com ênfase em Everardo Rocha em seu manual que nos indaga “O que é etnocentrismo?” e Roberto DaMatta com o clássico “Relativizando: Uma introdução à antropologia social”, para discutirmos o surgimento do olhar relativista em superação ao modelo etnocêntrico. Esses autores são de extrema importância em nossa discussão pois nos são apresentados logo que ingressamos na graduação, direcionando assim nossos estudos sempre para uma retomada aos seus conceitos por ficarem marcados na memória dos estudantes. Após apresentarmos os conceitos trazidos por esses autores é de suma importância compreender a proporção que o relativismo nos aparece em dias atuais conseguindo encontrar espaços, inclusive, fora da academia. Baseado no extravagante encontro do conceito com os a população crítica o sentido do termo se deturpa e como reflexo os escritos acadêmicos reverberam a deturpação defendendo em muitos casos a intocabilidade de uma cultura mesmo que atrocidades levem à mortes, a justificativa sempre será feita através da independência da cultura alheia, tentando naturalizar para todos aquilo que já não deveria ser natural para eles.

Baseado nesse pensamento recorreremos à Eric Wolf quando tece críticas a toda categoria de antropólogos na 88ª Reunião Anual da Associação Antropológica Americana em Washington, D.C., 1989. Wolf nesse contexto apresenta toda uma crítica ao pensamento antropológico americano da época afirmando que muitos caíram no conformismo de compreender uma sociedade e sua estrutura



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de poder mas ao final deixando de lado a batalha pela emancipação da classe trabalhadora, as críticas em sua fala não são nada discretas como visto na seguinte citação:

“O projeto de Adams chegou muito perto de uma nova abertura. Incorporou uma perspectiva histórica, compreendeu as relações entre grupos como processos marcados por conflitos e incluiu a atuação de poderes multinacionais nessa dinâmica. Porém, não avançou para um modelo político-econômico de todo conjunto, talvez porque os interesses específicos de Adams estivessem em desenvolver uma teoria evolutiva do poder. Desse modo, também negligenciou a interação complexa de culturas no caso guatemalteco. Esse avanço no sentido da síntese ainda espera pelo futuro.” (WOLF, 2003, pág. 332)

Por final discutiremos os danos, ou as situações que poderiam iniciar mudanças que são ainda negligenciadas pelos estudiosos da academia, realizando as devidas críticas e propondo um método recorrendo também à propostas marxistas de mobilização de bases sociais em contraposição à uma estrutura opressora pensando em, desde já, não mais apenas observar, etnografar, compreender e repassar o conhecimento mas também pensar em estratégias de intervenção para melhoria de vida de uma massa oprimida mesmo que ainda dentro do modo de produção capitalista.

## II. Marco teórico/marco conceitual

Cabe a nós discutir a definição do que é etnocentrismo, pensamento vigente antes de se pensar relativismo em quanto forma de sua superação. O etnocentrismo é um mal mundial desde a existência do ser humano como um ser social, pensar que nossa cultura, nosso gosto, nossas escolhas são melhores que as do outro é uma característica em quase toda sociedade, e para definir isso temos os autores posteriores à antropologia vitoriana definiram esse pensamento como ‘etnocentrismo’. “Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. ” (ROCHA)

As ideias etnocêntricas sobre o mundo vêm se verberando de acordo com os anos. Podemos observar práticas etnocêntricas no nosso dia-a-dia e em nós mesmos, com preconceitos enraizados em nós, que nos foi implantado socialmente desde o berço. Podemos pegar como exemplo a ideia



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de corpo, e de como a sociedade ocidental a enxerga, como algo pecaminoso e a ser coberto, diferente da relação de outras sociedades, como os indígenas brasileiros citado pelo autor Rocha, que estavam nus quando foram vistos e isso geral uma polémica. A forma que os índios vêm a nudez difere da nossa, e nem por isso eles que devem se cobrir, ou ter pudor apenas porque nós achamos isso.

“Outro fato também interessante é que um número significativo de livros didáticos começa com a seguinte informação: os índios andavam nus. Este “escândalo” esconde, na verdade, a nossa noção absolutizada do que deve ser ma roupa e o que, num corpo, ela deve mostrar e esconder. A estória do nosso amigo missionário serviu para a constatação das dificuldades de definir o sentido de um objeto – o relógio ou o arco – fora dos seus contextos culturais. Da mesma maneira, nada garante que os índios andem nus a não ser a concepção que eles mesmos teriam de nudez e vestimenta.” (ROCHA, 1988, pág. 8)

Sabendo do etnocentrismo e sua forma como afeta o social o autor Rocha discute o nascimento e introdução na academia do relativismo, que vem como um contraponto da forma etnocêntrica de pensar com uma visão diferente do outro. O relativismo surge como uma forma de entender o outro, e que o outro não está errado ou é inferior por ser diferente e está em um contexto social diferente.

Rocha não deixa de citar Boas ao afirmar que foi o primeiro a defender o estudo das diferentes culturas diante de suas peculiaridades e claro lembra de Malinowski com a ideais que permeia até hoje do antropólogo ir à campo desenvolver sua pesquisa.

Compartilhando de ideias similares nos é apresentado Roberto DaMatta com uma obra de título completamente autoexplicativa “Relativizando: uma introdução a Antropologia”. Não convém discutirmos aqui as palavras de DaMatta acerca da história da antropologia ou das comparações levi-straussianas entre ciências sociais e naturais, nem mesmo a divisão que o autor propõe para a antropologia, subdividindo-a em três esferas, antropologia cultural, antropologia biológica e arqueologia. O que nos interessa é lembrar que não por motivos abstratos DaMatta elabora um manual compreendendo vertentes da antropologia e a história, passando por autores marcantes de cada período para encontrar no relativismo a forma mais avançada em dias atuais, afinal, o título de sua obra compreende o termo ‘relativizando’



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DaMatta resalta a abrangente capacidade da diferença em seu curto artigo “Você tem Cultura?” quando diz: *Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.*

Outra das mais famosas citações relativistas que conhecemos na antropologia é de Margareth Mead ao afirmar que: *“toda diferença é preciosa e precisa ser tratada com muito carinho.”*

A partir dos pensamentos apresentados não podemos deixar de lado o autor em que baseamos nosso estudo para elaborar uma mais aprofundada crítica, retomaremos Wolf de nossa introdução. O autor faz uma forte análise das práticas antropológicas, inclusive cita alguns antropólogos e crítica o fato de terem uma análise na qual não há nenhum posicionamento que pudesse sugerir uma mudança. Wolf nos confronta com o fato de não sairmos de uma zona de conforto, onde se produz muitas teorias e análises sociais mas nenhuma que envolva uma solução. “Nos estruturamos e somos estruturados, fazemos transações, colocamos em jogo metáforas, mas toda a questão da organização caiu em dormência.” (WOLF, 2003, pág. 333).

“O funcionalismo excedeu-se ao afirmar que retratava entidades orgânicas, mas retornou na teoria dos sistemas, bem como sob outros disfarces. Os estudos de cultura e personalidade propuseram noções de “estrutura básica da personalidade” e “caráter nacional” sem levar em consideração a história, a heterogeneidade cultural ou o papel da hegemonia na criação de uniformidades; mas caracterizações suspeitamente similares das nações modernas e de “grupos étnicos” continuam a aparecer.” (WOLF, 2003, pág. 328)

### **III. Análise e discussão de dados**

Pensando em elaborar métodos mais eficientes e aplicáveis para soluções de problemas através da antropologia observamos situações em que nossa crítica se encaixa. É muito comum que antropólogos se prendam apenas ao método de observação em suas pesquisas, essa metodologia, que foi muito importante no processo de conhecimento e ainda é, em alguns casos se torna um tanto ultrapassada. Precisamos rever a forma que nos localizamos no mundo e ter noção da nossa responsabilidade, como antropólogos e sociólogos, com o social. Mais do que ninguém somos nós



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que precisamos formular teorias para a solução de problemas que podem ser considerados culturais, mas, na verdade, na sua base tem como objetivo o capital. É importante que nós, como estudantes e pesquisadores sobre o social, enxerguemos as coisas bem mais afundo do que estamos acostumados. É preciso que na formação do cientista social esse olhar antropológico, que já é ensinado, seja trabalhado mais afundo e com mais vigor, porquê é esse olhar que vai guiar o trabalho para algo mais profundo que etnografias que se findam no dia que o autor acha que já se tem o conteúdo precisado. Como falei acima, nos, cientistas sociais, temos uma responsabilidade para com o mundo, pois desde a graduação somos ensinados que nosso trabalho é observar e enxergar além do que está exposto na nossa frente. E como prova de que essa “intervenção” é algo que não está distante temos o autor Foote Whyte, que fez sua pesquisa em Boston em um bairro de imigrantes, no seu trabalho o autor usa o método observar/participar e foi muito criticado por isso, claro que em suma são críticas que tem sim fundamento e que são válidas, como o fato dele ter se envolvido e ter alterado o resultado de sua pesquisa, ou até mesmo ter distorcido sua visão das coisas, mas Whyte, diferente de Malinowski que foi o primeiro a usar desse método, humanizou aquelas pessoas que ele estava estudando, e mesmo assim continuou mantendo seu distanciamento como pesquisador. A importância da pesquisa participante em Whyte fica bem descrita por Gilberto Velho no prefácio de Sociedade de Esquina:

“O ponto fundamental do interacionismo é que o estudo da ação social lida com as interações entre os indivíduos, vistos não como mônadas isoladas, mas como sujeitos ativos, atuando dentro de redes e grupos sociais, num processo contínuo de mudança e reinvenção social. Assim, opõe-se a modelos teóricos mais estáticos, nos quais os indivíduos desempenham papéis predefinidos dentro de uma estrutura social abrangente, e a mudança social quase sempre aparece como disruptiva.” (VELHO, 2005 apud Whyte Foote, 2005, p.11)

Se tratando de pesquisa, a intenção não é sempre se envolver, ou manter relações próximas com o objeto de estudo, mas procurar ver aquelas pessoas ou região de forma mais humana, e pensar, claro dependendo do tipo e de onde se vai pesquisar, em formas de solução para as angustias da mesma. Quando se fala desse tipo de pesquisa o objetivo não é que surja um etnocentrismo exacerbado, e muito menos uma relativização exacerbada também, e sim sair apenas da academia e



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

usar aquela oportunidade de pesquisa como um meio de dar voz a quem geralmente não tem, assim como Whyte fez.

### IV. Conclusões

A partir da discussão realizada devemos pensar um molde de pesquisa de campo em que se possa relativizar para realização do estudo, entretanto, a pesquisa deve retornar ao objeto de forma aplicada pensando após retiradas as conclusões. Dessa forma a pesquisa continuará em constante andamento fazendo assim não uma simples análise de um objeto mas uma frenética busca pelo combate da base contra o oprimido guiada em alguns planos pela pesquisa inicial.

Autores como Engels e Marx realizaram algo similar ao escrever o Manifesto Comunista. Os autores em primeira ordem observam o desenvolvimento industrial e burguês para compreender a origem e a movimentação do capital por completo para após isso escrever um manual que coloca em prática as propostas de emancipação da classe trabalhadora.

Propomos que mesmo que a sociedade, cultura, grupo, família, fratria, não estejam acometidas diretamente ao modo de produção capitalista eles ainda podem estar subdivididos em classes, estamentos ou castas que subjuguem uma parte da população, mesmo que não sejam sociedades como um todo, sejam pequenos grupos ainda pode haver algum tipo de deficiência social que pode ser melhorada, entretanto a pratica interventiva deve ser feita com muita cautela para não se tornar novamente uma prática dominadora como o etnocentrismo foi utilizado na Inglaterra Vitoriana. Mesmo que o etnocentrismo seja parte do indivíduo com cultura, ainda assim ele foi utilizado de formas maléficas pelo imperialismo então em impreterível a cautela para não cometer novamente o mesmo erro.

É obrigação do investigador retornar ao objeto depois de o pesquisar e tentar de qualquer forma remover as deficiências encontradas, acusamos de desleixo todos que encontram atrocidades e apenas ignoram as situações, descrevem, analisam, compreendem, difundem o que aprenderam ali mas ao final apenas ignoram. Toda forma de descaso com a cultura estudada pode ser considerada conivência com aquilo observado.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em resumo, concluímos então propondo o retorno efetivo aos objetos de estudo para que assim dentro desse meio se realize as soluções dos déficits encontrados entretanto com cautela para não cometer os erros do etnocentrismo dominador e que toda forma de estudo seja realizado das formas mais contemporâneas de pesquisa relativista, entretanto não colocar um fim no trabalho enquanto as situações problemas não forem solucionadas juntos.

A proposta pode ser audaciosa principalmente por propor o retorno às intervenções em culturas ou até mesmo por imaginar alguns trabalhos que morreríamos sem concluir ou que levariam longos anos, entretanto talvez a tarefa social da academia devesse ser essa, com ênfase aí no ensino público que é financiado pela própria sociedade, esse sim deve ter alguma garantia de retorno e a antropologia possui todos os meios de responder as perguntas geradas no processo da pesquisa, entretanto isso pode ser gradativo mas não impossível.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **V. Bibliografía**

DaMatta, Roberto. Você tem Cultura? Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.

Mantovani, Flávia. (2016, Junho). Relação homossexual é crime em 73 países; 13 preveem pena de morte. G1, Mundo. Recuperado em 14 de outubro, 2017 de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/relacao-homossexual-e-crime-em-73-paises-13-preveem-pena-de-morte.html>

MEAD, Margareth. Sexo e temperamento. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009

ROCHA, Everardo P. Guimarães. O que é etnocentrismo. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos, 124)

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

WOLF, Eric. 2003 [1989]. “Encarando o poder: velhos insights, novas questões”. Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf, B. Feldman-Bianco e G. L. Ribeiro, orgs., págs. 325-343. Brasília: Editora UnB.